

CUIDAR A DEMOCRACIA CUIDAR O FUTURO

**Organização
Fátima Grácio**



«Paira sobre o mundo uma grande perplexidade.

[...] No momento em que a interrogação sobre a democracia se estende a novos e velhos países, é de um problema de civilização que se trata.

Interessa [...] saber o que nessa nossa experiência levou a democracia a implodir não só na ética que a deve conduzir, como também na eficácia dos seus próprios mecanismos.

[...] Para que a democracia seja viável no século XXI, é preciso outro recomeço. Fazer a recuperação da história e descobrir, vislumbrar, intuir novos paradigmas e assim, talvez, inventar a democracia.»

Maria de Lourdes Pintasilgo

ISBN 978972998703-8



9 789729 987038 >

INTRODUÇÃO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

MARIA DE FÁTIMA GRÁCIO	5
------------------------------	---

SESSÃO DE ABERTURA

TERESA PATRÍCIO GOUVEIA, MARIA JOSÉ NOGUEIRA PINTO, GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS, ALBERTO MARTINS	17
--	----

PAINÉIS

1. DEMOCRACIA, DIREITOS CÍVICOS E SOCIAIS JOSÉ MANUEL PUREZA, ANA SOFIA JESUS FERNANDES	27
--	----

2. RESPONSABILIDADE: FUNDAMENTO ÉTICO DA DEMOCRACIA IRENE BORGES DUARTE, DIOGO PIRES AURÉLIO, CRISTINA BECKERT	37
---	----

3. QUALIDADE DE VIDA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL ISABEL GUERRA, TERESA COSTA PINTO, PRISCILLA SOARES, JOÃO MENESES	61
---	----

4. ESQUEMAS DE PRODUÇÃO E PADRÕES DE CONSUMO LUÍSA SCHMIDT, JOSÉ LIMA SANTOS, ÂNGELO ROCHA, JOÃO JOSÉ FERNANDES	103
---	-----

5. VULNERABILIDADE E SOLICITUDE MANUEL DO CARMO FERREIRA, MANUELA SILVA, NUNO LOBO ANTUNES, JOÃO ARRISCADO NUNES	141
--	-----

6. UM NOVO CONTRATO SOCIAL MANUEL VILLAVERDE CABRAL, JOÃO MENESES FERNANDO RIBEIRO MENDES, MANUEL CARVALHO DA SILVA	169
---	-----

INTRODUÇÃO

FÁTIMA GRÁCIO

PRESIDENTE¹

FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

A presente publicação reúne textos de especialistas que participaram no Ciclo de Debates CUIDAR A DEMOCRACIA, CUIDAR O FUTURO, organizado pela Fundação Cuidar O Futuro² (FCF) e que decorreu entre 18 de Janeiro e 25 de Fevereiro de 2010. A escolha do título resulta de uma aproximação ao nome da própria Fundação e de uma problemática, a democracia, que Maria de Lourdes Pintasilgo tão amplamente reflectiu.

Vivia-se na altura da preparação desta iniciativa o pico da grande crise que assolou e tem estado a assolar o mundo inteiro. Pareceu por isso ao grupo organizador que seria muito oportuna a criação de um contexto público, onde se reflectisse, desdobrasse e aprofundasse algumas das razões que têm conduzido à ineficácia dos mecanismos da democracia e à ausência da ética que a deve orientar. Disse Maria de Lourdes Pintasilgo que “a capacidade de agarrar o tempo histórico que vivemos, de lhe perceber os paradigmas que carrega, de investigar as consequências que se podem repercutir na Política, é hoje a qualidade que se requer para que a democracia do século XXI comece a despertar nas inteligências e nas vontades”³.

¹ De Setembro de 2004 a Fevereiro de 2011

² <http://www.fcuidarofuturo.com>

³ Maria de Lourdes Pintasilgo, “Inventar a democracia”, Visão nº 470, O Estado da Nação, 7 de Março 2002, 40-43.

Este Ciclo de Debates foi organizado em torno de 3 motivos principais: cumprir com o estabelecido no Plano de Actividades da FCF; homenagear Maria de Lourdes Pintasilgo, que, se fosse viva, completaria naquela data 80 anos; evocar o seu pensamento retomando questões por si trabalhadas e reflectidas.

A temática CUIDAR A DEMOCRACIA, CUIDAR O FUTURO foi distribuída por seis painéis. A título de curiosidade é de informar que se foi buscar os temas a um documento da autoria de Maria de Lourdes Pintasilgo, que se encontra no seu arquivo pessoal⁴, com os quais ela teria pretendido também organizar um colóquio (isto em 1996), mas que não chegou a fazê-lo. Por opção não se alteraram os temas e em pouco se modificaram os títulos dados por ela para cada sessão, por manterem actualidade e por constituírem também por si mesmos elementos constitutivos do tecido basilar da democracia.

Como metodologia optou-se por convidar apenas um/a coordenador/a por painel, a quem coube a organização de cada sessão. Como recomendação pediu-se que nos convites a fazer, fosse tomada em linha de conta que, a par de exposições mais teóricas, houvesse também lugar à apresentação de trabalhos a decorrer no terreno.

Dadas a actualidade e importância das intervenções, a FCF manifestou, junto dos/as intervenientes dos vários painéis, vontade de as publicar. Assim, os textos aqui reunidos, pertencem aos/às participantes que acederam colaborar nesta iniciativa, sendo da sua inteira responsabilidade a respectiva versão escrita aqui apresentada.

Ao editar esta publicação a FCF espera deste modo contribuir para o alargamento do debate de ideias e informação em torno das temáticas abordadas.

Segue-se uma breve apresentação do conteúdo dos diferentes painéis:

1. Democracia, Direitos Cívicos e Sociais
2. Responsabilidade: Fundamento Ético da Democracia
3. Qualidade de Vida e Desenvolvimento Social
4. Esquemas de Produção e Padrões de Consumo
5. Vulnerabilidade e Solicitude
6. Um Novo Contrato Social

JOSÉ MANUEL PUREZA parte da frase de Maria de Lourdes Pintasilgo "a grande empresa é mudar a vida" para fazer a sua reflexão em torno da temática do painel. Mudar, diz José Manuel Pureza, é a "atitude que nos dignifica", e mudar a vida implica no seu entender mudar as mentalidades e as estruturas. Na sua reflexão sobre os direitos afirma que somos herdeiros de uma concepção dicotómica entre direitos sociais e cívicos, tese que não apoia, sublinhando antes que comunga com Maria de Lourdes Pintasilgo o princípio da indivisibilidade entre aqueles direitos, "pilares em que assenta a Qualidade de Vida".

ANA SOFIA FERNANDES centra a sua comunicação nos Direitos Humanos das Mulheres assinalando o longo caminho percorrido até 1993, ano em que os Direitos das Mulheres foram reconhecidos como direitos humanos. Passa em revista, e na sua perspectiva, alguns "temas fortes" que encontra no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo tais como: a emergência do sujeito mulher, a cidadania activa, o reconhecimento dos direitos reprodutivos enquanto direitos sociais e por fim a democracia paritária. Explorou o conceito da paridade como um eixo fundamental de uma verdadeira democracia.

IRENE BORGES DUARTE faz a sua reflexão procurando enunciar os princípios que norteavam Maria de Lourdes Pintasilgo na sua concepção de democracia, assente, segundo Irene Borges Duarte, em "alguns dos pensadores mais ricos do século XX", nomeadamente Martin Heidegger, Foucault, Hans Jonas, Lévinas e Paul Ricoeur. Com

⁴ <http://www.arquivopintasilgo.pt> (ver Pasta 0190.008).

estes, Maria de Lourdes Pintasilgo passeou pelo conceito do *CUIDADO*, enquanto que a filósofa Hannah Arendt foi buscar o fundamental da acção política. Nas filósofas Carol Gilligan e Joan Tronto encontrou as referências da ética do cuidado em paralelo com a ética da justiça. Irene Borges Duarte faz a seguir, e usando palavras suas, "algumas referências destes autores que permitem compreender a riqueza dos conceitos que Pintasilgo quer usar num contexto fundador da acção política".

DIOGO PIRES AURÉLIO, no seu texto *Representação, Revolução, Participação*, confronta a democracia representativa com a democracia participativa. Faz uma análise muito clara e contundente dos fundamentos em que cada uma assenta, enunciando aspectos críticos, fragilidades, limites e condições difíceis de garantir. O autor explora ainda a forma como a insatisfação e a desconfiança face aos órgãos representativos se organiza e circula no interior do sistema democrático, servindo assim de "muleta ao próprio sistema".

CRISTINA BECKERT, no seu texto *Contributos para uma ética do cuidar responsável*, reflecte como a ética enquanto responsabilidade estrutura a política e fundamenta a liberdade, como nos propõe Maria de Lourdes Pintasilgo. As "éticas da responsabilidade" implicam reconhecer o Rosto do outro, de que fala Levinas. A autora argumenta como nos dias de hoje, em que somos confrontados com a alteridade cultural, é mais difícil reconhecer este Rosto. Com Ricoeur a autora refere a necessidade constante de diálogo para garantir uma democracia que questiona continuamente os seus próprios pressupostos.

ISABEL GUERRA, na sua Introdução ao painel, sublinha a importância do tema *Qualidade de Vida e Desenvolvimento*, bem como o do próprio conceito de qualidade de vida. Argumenta que é preciso um novo Contrato Social para fazer face à desigualdade social numa sociedade "onde a desconfiança e a falta de legitimidade relativamente à governação estão em cima da mesa, onde a procura de novas formas de viver a democracia está na ordem do dia". Interpela com a pergunta

"onde estão as nossas potencialidades como cidadãos para podermos mobilizar a sociedade em torno de um projecto de desenvolvimento com vista à melhoria da qualidade de vida?" Lembra que "é fácil fazer a crítica, mas não é muito fácil vislumbrar os caminhos da construção do novo modelo civilizacional".

TERESA COSTA PINTO apresenta a trajetória do conceito Qualidade de Vida, referindo a origem da expressão, a emergência do tema no contexto sociopolítico, a ambiguidade e a pluralidade de sentidos, a imprecisão de "um conceito que não reúne consenso". Nomeia as características recorrentes na sua abordagem e apresenta as questões fundamentais que se prendem com a triangulação entre Desenvolvimento – Qualidade de vida – Necessidades. Refere alguns exemplos de estudos levados a cabo nas décadas de 70 e 80 e explora o ressurgimento da temática na década de 90 e o renovado interesse por um novo conceito de Qualidade de Vida no âmbito dos "processos que têm vindo a marcar os contextos sociais actuais". Por fim descreve como, no contexto actual, "uma noção mais integrada e unificadora de qualidade de vida", tanto dos indivíduos como das sociedades, se redimensionou num "objectivo societal global, orientador das políticas nacionais e internacionais".

PRISCILLA SOARES parte da sua experiência de trabalho de desenvolvimento local em meio rural no interior serrano do Algarve. Sublinha a importância da participação das pessoas que habitam o território – e das suas organizações – nos processos de tomada de decisão, o que permite descobrir recursos materiais e imateriais para encontrar soluções inovadoras. A sua experiência na In Loco mostrou a importância da utilização de metodologias apropriáveis, capazes de mobilizar actores individuais e colectivos, mas "a contradição permanente entre o tempo dos processos locais de desenvolvimento participativo e o tempo dos programas que financiam as intervenções que apoiam esses processos" constitui um obstáculo que às vezes leva a perguntar se não seria de "abandonar os apoios financeiros dos

programas de desenvolvimento" e promover o trabalho de voluntariado. Termina referindo três frentes que devem ser trabalhadas por quem se dedica ao desenvolvimento local.

JOÃO MENESES apresenta uma reflexão sobre a evolução da função do Estado ao longo da história e refere o fracasso de certas expectativas utópicas em relação à democracia e o aparecimento de "um tipo de governo profundamente tecnocrático". Afirma que "é urgente um esforço colectivo para reconstruir um universo de ideais realistas mobilizadores. O que está em causa é resgatar a democracia à tecnocracia, ainda que sem perder de vista a eficiência e a eficácia na actuação do Estado – ou seja, o seu bom desempenho". A partir da análise do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo e das suas próprias convicções, apresenta um conjunto de factores a serem conjugados para garantir um bom desempenho de Governo. Sublinha a importância de objectivos práticos e atingíveis de inovação social e apresenta uma lista de exemplos ilustrativos.

LUÍSA SCHMIDT optou por centrar as apresentações dos vários intervenientes "na produção e no consumo alimentar", uma vez que o "tema da alimentação dá a volta a todas as outras questões produtivas (...)". Sublinha como a questão alimentar constituiu "a liquidação de milhões de pessoas (...) e permite pensar em simultâneo as coisas mais básicas da vida e as questões estratégicas mais decisivas". Não deixa de referir que a óptica de orientação para o painel, cujo tema abarca áreas tão vastas, foi buscar a Maria de Lourdes Pintasilgo uma vez que ele está muito presente no seu pensamento. Faz a seguir uma incursão por vários dos seus escritos, de épocas muito diversas, por um lado acentuando o pioneirismo neles encontrado, e por outro, demonstrando como "o excesso da humanidade e os excessos da humanidade" constituíram uma das centralidades do seu pensamento a par de uma preocupação permanente com a desumanização crescente. Nesta óptica Luísa Schmidt diz "que não haverá futuro se não houver cuidado - e se não cuidarmos o outro".

JOSÉ LIMA SANTOS começa por afirmar que "a questão da sustentabilidade do nosso sistema global de produção e consumo de alimentos remete para os nossos actuais padrões de consumo e de produção", sublinhando aquilo que são, afinal, duas dimensões essenciais da alimentação: "a vida e bem-estar humanos e a relação do homem com o meio natural". Cruza a seguir as causas da deflorestação e respectivas relações com os padrões de consumo e de produção, com as razões para a subida de preços dos alimentos, detendo-se de um modo especial na questão da crise dos cereais. Na parte final da sua exposição José Lima Santos argumenta que "o nosso sistema de produção e consumo de alimentos parece ferido de graves problemas de insustentabilidade, problemas cuja resolução depende de um conjunto de mudanças que, para serem eficazes, têm de ser realizadas de modo articulado e a par de uma aceleração do crescimento da produtividade da terra".

ÂNGELO ROCHA aborda a questão da agricultura biológica, partindo não só de um conhecimento teórico, mas e sobretudo de um conhecimento empírico. Refere a sua própria experiência e evidencia as vantagens deste tipo de produção, afirmando até que ela "pode dar um contributo na resolução da crise actual". Aponta igualmente dificuldades na sua expansão uma vez que escasseiam apoios públicos.

JOÃO JOSÉ FERNANDES, no seu texto *O Desafio Global da Segurança Alimentar no século XXI*, começa por enumerar alguns dos factores que "condicionarão os sistemas agro-alimentares das próximas décadas". Passa depois à análise das duas tendências que têm procurado dar resposta à segurança alimentar e que marcam "o pensamento económico convencional": a inovação tecnológica e o alargamento do mercado. Sustenta que para si a "Nova Economia" com um novo entendimento de bem-estar, com uma outra concepção do trabalho, com a "reintegração da ética na vida económica", com a defesa da preservação ambiental e outras medidas que a integram, pode constituir um desafio para se implementar uma segurança alimentar.

MANUEL DO CARMO FERREIRA, na introdução que faz ao painel e à sua temática, apresenta o mito de Caim e a parábola do bom samaritano, como a expressão da "condição de vulnerabilidade de onde tudo arranca e a solicitude como a única resposta (...) adequada e humanamente capaz de satisfazer". Percorre e analisa depois um texto da autoria de Maria de Lourdes Pintasilgo intitulado *Da vulnerabilidade à solicitude em tempos de crise*, destacando o que para ela são experiências e situações de vulnerabilidade e as duas respostas que a autora aponta para lhe fazer face: "o Direito, com a sua formulação dos direitos fundamentais e a Solicitude que o completa, conferindo-lhe substância e mais humanidade".

MANUELA SILVA intitulou a sua comunicação *Vulnerabilidade e Sustentabilidade*. Centrou-se sobretudo na questão da sustentabilidade afirmando que "estão minados os alicerces básicos da sustentabilidade da democracia" e que quando se fala de sustentabilidade não se deve separar as duas vertentes: "a sustentabilidade ambiental e a sustentabilidade social e política". Defende a necessidade de "controlar a nossa voracidade e aprender a partilhar os recursos de que dispomos" "se quisermos assegurar a justiça social e a paz". Elenca a seguir soluções evidenciando no fim a tarefa "de educar para uma cidadania clarividente e responsável".

NUNO LOBO ANTUNES começa por dizer que se preparou para a sua comunicação com a sua vida. Efectivamente percorre e destaca os momentos mais marcantes que vão desde a forma como via o pai lidar com os doentes, à sua experiência profissional, em particular em dois hospitais dos Estados Unidos. Sem dúvida que a experiência que ressalta mais – e que o leva a afirmar no texto que se havia alguém ali presente que sentiu e viveu a vulnerabilidade, tinha sido ele – foi a de um trabalho de sete anos num hospital oncológico para crianças, onde viu todos os dias a morte presente em seres particularmente frágeis. A par do sofrimento sempre presente, "aquele mundo (...) era extraordinariamente Bom" porque ali se vivia a solidariedade e o amor,

como soluções únicas para a precariedade da nossa existência.

JOÃO ARRISCADO NUNES explora o tema Vulnerabilidade(s) a partir do "nós" de que fala Judith Butler. Cada pessoa partilha a sua condição de ser incorporado num "nós". A vulnerabilidade social é inseparável desta condição. Assim, para Butler, "o corpo tem a sua dimensão invariavelmente política" o que significa que "a vulnerabilidade não é um atributo individual, mas as suas consequências serão distintas conforme a capacidade de responder colectivamente às circunstâncias que a transformam em sofrimento e violência". O autor problematiza a desigual distribuição de precariedade e de vulnerabilidade que caracteriza as nossas sociedades. Para poder reduzir a exposição a diferentes formas de precariedade e de violência, propõe "a solicitude, o cuidado e a justiça como pilares de uma política de vida".

MANUEL VILLAYERDE CABRAL começa por referir os "efeitos nefastos da globalização financeira" e o quanto a "erosão do Welfare State" que em 1989 atingira uma "dimensão política nova com o desmoronamento do sistema soviético", elevou o "processo da globalização a um patamar de complexidade e consequências em cadeia". A seguir, aponta rapidamente como se chegou ao auge da crise financeira em 2008-2009, sublinhando que em sua opinião se perdeu a oportunidade política de fazer surgir um novo contrato social após a crise do contrato social keynesiano. Recorre por fim à autora búlgara, Albena Azmanova para resumir o que queria sugerir, citando-a: "(...) com a radical viragem geo-política de 1989, os povos do outro lado da cortina de ferro ganharam indiscutivelmente um mundo novo, enquanto do lado de cá do Muro pode ter começado a morrer algo que nós justificadamente apreciávamos e que dava substância à democracia política".

JOÃO MENESES afirma que o desenvolvimento passa por um novo contracto social que deve "assentar mais na inovação social e no envolvimento da sociedade civil" e na "capacidade de auto-organização e entajuda das comunidades". Menciona Hobbes, Locke e Rousseau,

Lista as principais ideologias políticas, para a seguir chegar a Maria de Lourdes Pintasilgo, que considera ter dado "um contributo decisivo para o que poderá ser um novo contrato social no início do século XXI". O autor sintetiza as dimensões e preocupações deste novo contrato social. Pergunta se a Constituição está a ser cumprida. Questão chave é "a de saber como dar mais capital social aos cidadãos" neste processo e finaliza com alguns exemplos de envolvimento da sociedade civil na melhoria da qualidade de vida.

FERNANDO RIBEIRO MENDES nos primeiros momentos da sua comunicação evidencia a importância da introdução por Maria de Lourdes Pintasilgo, na hora certa, de temas muito importantes que "nem sempre tiveram a repercussão devida no momento certo". Preocupado com o problema das gerações futuras foi buscar um dos temas, por ela tratado, que mais o sensibilizou e que tem a ver com a "questão da ética da responsabilidade e do futuro". Refere com preocupação a pesada factura que as novas gerações terão de pagar, "decorrente do modelo social europeu criado" e que não vê como pode ser "mitigada". As gerações futuras, por razão das coisas, não foram ouvidas, e o encargo que herdam irá colidir com escolhas que queiram fazer. Desmonta a seguir os principais aspectos do nosso Estado Social e a necessidade de se assumir "plenamente uma ética de responsabilidade perante o futuro".

MANUEL CARVALHO DA SILVA, na sua exposição sobre *Um Novo Contrato Social*, aborda dois grandes temas: a globalização e a União Europeia; um novo contrato social e a saída da crise. Ao analisar a questão da globalização, fá-lo a partir daquilo que considera a visão do mundo ocidental, que "há bastante tempo utiliza o conceito de globalização de uma forma amputada e manipulada". Passa em revista, de uma forma breve, o actual quadro de bloqueios a que é preciso responder, para evidenciar a seguir que um novo contrato social tem de responder a três causas da crise: "a diminuição da retribuição do trabalho, a generalização da precariedade, o não reinvestimento de uma parte

significativa dos lucros que se vão obtendo, quer no sector financeiro, quer na economia em geral". Sublinha a seguir a importância de um novo contrato social que responda com soluções a estas causas.

A **sessão de abertura** deste Ciclo de Debates teve lugar a 18 de Janeiro na Fundação Calouste Gulbenkian com os seguintes intervenientes: Teresa Patrício Gouveia como representante da Fundação Gulbenkian; Guilherme d'Oliveira Martins como presidente do Centro Nacional de Cultura; Maria José Nogueira Pinto como membro do Conselho Consultivo da FCF e co-organizadora destes debates; Alberto Martins a título pessoal, mas sobretudo como "antigo amigo de estrada" de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Feita esta breve introdução ao trabalho que aqui se apresenta, quero deixar um agradecimento muito especial a Maria José Nogueira Pinto, a quem gostaria de dedicar esta publicação, pelo seu apoio incansável na concretização do Ciclo de Debates CUIDAR A DEMOCRACIA CUIDAR O FUTURO. Foi um privilégio tê-la tido como membro do Conselho Consultivo da Fundação Cuidar O Futuro, durante o tempo em que presidi à mesma, onde se manteve sempre pronta e disponível para contribuir com ideias e ajudar a abrir "caminhos" para a realização dos projectos da Fundação. Obrigada Maria José!

Não posso também deixar de exprimir um agradecimento a Pedro Magalhães, Regina Tavares da Silva e Maria João Seixas pelas ideias que trouxeram.

A FCF agradece igualmente à Fundação Calouste Gulbenkian e ao Centro Nacional de Cultura pelas parcerias estabelecidas para este evento, à Fundação para a Ciência e Tecnologia pelo apoio financeiro concedido, bem como ao Jornal Público pela divulgação que efectuou durante o decorrer de todo o evento.